

VIKTOR FRANKL E O BOM FUNCIONAMENTO DA PERSONALIDADE: O CONFRONTO COM O DSM V

VIKTOR FRANKL AND THE GOOD WORKING OF PERSONALITY: THE CONFRONT
WITH DSM V

José Mauricio de Carvalho (Dr.)

Orcid: <https://www.orcid.org/0000-0002-3534-5338>

Samara Tortiere de Souza

Orcid: <https://www.orcid.org/0000-0001-6038-5860>

Taissa Cristina Chaves

Orcid: <https://www.orcid.org/0000-0002-7047-7715>

RECEBIDO 25/04/2019

APROVADO 30/04/2019

PUBLICADO 05/05/2019

Editor Responsável: Carla Caldas

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN: 2316-8080

DOI:10.16928

Resumo

Neste artigo apresentamos elementos estruturais da psicologia e antropologia de Viktor Frankl: o sentido, a singularidade, a empatia e a intimidade. Mostramos que mesmo sem mencionar o autor, o DSM V adota como indicador do bom funcionamento da personalidade esses quatro elementos nucleares da teoria psicológica de Frankl. Procuramos proceder a uma comparação descrevendo como esses elementos nucleares aparecem na obra de Frankl e como estão no DSM V. Fizemos isso descrevendo como o assunto aparece na obra do psiquiatra e como o Manual da Associação Norte Americana de Psiquiatria descreve o bom funcionamento da personalidade.

Palavras-chave: Psicologia. Análise existencial. Personalidade. Funcionamento. Transtornos.

Summary

In this article we present structural elements of Viktor Frankl's psychology and anthropology: meaning, singularity, empathy and intimacy. We show that even without mentioning the author, DSM V adopts as an indicator of the proper functioning of personality these four core elements of Frankl's psychological theory. We tried to make a comparison describing how these nuclear elements appear in Frankl's work and how they are in DSM V. We did this by describing how the subject appears in the work of the psychiatrist and how the Manual of the North American Psychiatric Association describes the proper functioning of personality.

Keywords: Psychology. Existential analysis. Personality. Operation. Disorders.

Résumé

Dans cet article, nous présentons des éléments structurels de la psychologie et de l'anthropologie de Viktor Frankl: signification, singularité, empathie et intimité. Nous montrons que même sans mentionner l'auteur, le DSM V adopte les quatre éléments

centraux de la théorie psychologique de Frankl comme indicateur du bon fonctionnement de la personnalité. Nous avons essayé de faire une comparaison décrivant comment ces éléments nucléaires apparaissent dans le travail de Frankl et comment ils se trouvent dans DSM V. Nous l'avons fait en présentant comment le sujet apparaît dans le travail du psychiatre et comment le *North American Psychiatric Association Manual* décrit le bon fonctionnement du personnalité.

Mots-clés: Psychologie. Analyse existentielle. Personnalité. Fonctionnement - troubles.

1 Considerações iniciais

Viktor Frankl foi médico psiquiatra e filósofo. Essa dupla formação e tradição judaica influíram na teoria psicológica que ele elaborou. O que dizer da influência representada por essa origem familiar? (CARVALHO, 2019, p. 21):

Frankl tinha descendência judaica, o pai era de família típica originário de Mahren, cidade do antigo império Austro-Húngaro. (...) Por isso, o tempo em que viveu e sua descendência são importantes para entendermos o que ele deixou para a psicologia, (...): nos muitos estudos realizados acerca das origens de Frankl, que era de família judaica tradicional, verificou-se que devido às semelhanças de suas ideias aos princípios do judaísmo, toda a sua visão de vida se devia em grande parte à sua bagagem cultural e àquela recebida de seus antepassados.¹

A teoria psicopatológica de Frankl, construída a partir das noções de vontade de sentido (autodirecionamento), sentido e responsabilidade foi considerada importante contribuição para a Psicologia². Frankl parte de uma formação básica em psicanálise para desenvolver a logoterapia.³

Ainda que sem citá-lo, para permanecer metodologicamente na descrição dos transtornos psiquiátricos, o que caracteriza o DSM V, as ideias de Frankl foram assumidas

¹ Essa é uma questão bem estabelecida pelos estudiosos de Frankl (HERTZ, 2011, p. 23): “nos muitos estudos realizados acerca das origens de Frankl, que era de família judaica tradicional, verificou-se que devido às semelhanças de suas ideias aos princípios do judaísmo, toda a sua visão de vida se devia, em grande parte, à sua bagagem cultural e àquela recebida de seus antepassados.”

² O mérito da teoria psicológica de Frankl é atestado por diversos especialistas como salientaram estudiosos de sua obra: (MOREIRA, J. O; ABREU, A.K.C. e OLIVEIRA, M. C., 2011, p. 20/1): “Professor de neurologia e psiquiatria na Faculdade de Medicina da Universidade de Viena, foi professor visitante em Harvard, Pittsburgh, San Diego e Dallas (...) tendo recebido o título de doutor *honoris causa* de dezoito universidades (...) além do Oskar Pfiser Award, conferido pela American Psychiatric Association. Conhecido também como conferencista em mais de 193 universidades, foi sobretudo nos meios científicos dos Estados Unidos que sua figura atingiu celebridade (...) *Man’s search for meaning*, obteve tiragens superiores a três milhões de exemplares.” Esses autores apresentam ainda uma avaliação de peso da contribuição de Frankl para a psiquiatria e psicologia recordando que: “de acordo com Gordon W. Allport, trata-se do movimento psicológico mais importante de nossos dias.”

³ Como ele recordou (FRANKL, 2010, p. 76): “É sabido que Wolfgang Soucek chamou oficialmente a logoterapia de Terceira Escola Vienense de Psicoterapia.”

naquele Manual e adotadas como critério para descrever o bom funcionamento da personalidade. Para o fato chamou atenção um estudioso da obra de Frankl (PACCIOLLA, 2015, p. 341): “para mim, todos esses quatro construtos – a identidade, a autodirecionalidade, a empatia e a intimidade – úteis para verificar o funcionamento da personalidade, evocam a teoria e a prática clínica de Frankl”.

O que Pacciolla sugeriu é que os elementos de funcionamento da personalidade colhidos da teoria de Viktor Frankl são bem representados em dois princípios intrapessoais: identidade e autodirecionamento e dois interpessoais: empatia e intimidade utilizados pelo DSM V para considerar o funcionamento da personalidade. Faltou uma demonstração específica.

O DSM V para facilitar o diagnóstico criou uma escala para avaliar esses quatro conceitos. Trata-se de instrumento de medida de 0 a 4 onde os valores mais altos indicam maior comprometimento do funcionamento pessoal. Em outras palavras (DSM V, 2014, p. 762):

A escala do nível de funcionamento da personalidade (...) utiliza cada um desses elementos para diferenciar cinco níveis de prejuízo, variando de pouco ou nenhum prejuízo (i.e., saudável funcionamento adaptativo – nível 0) até algum prejuízo (nível 1), prejuízo moderado (nível 2), prejuízo grave (nível 3) e prejuízo extremo (nível 4).

O objetivo desse artigo é mostrar como esses quatro conceitos utilizados no DSM V aparecem na obra de Frankl, confirmando a intuição do comentarista de que esses conceitos resumem a forma como Viktor Frankl avaliava o funcionamento da personalidade.

2 Autodirecionalidade e vontade de sentido

O DSM V apresenta a autodirecionalidade como indicativo do bom funcionamento da personalidade. Com esse conceito o *Manual* refere-se à capacidade humana de, através de escolhas livres, construir, com estabilidade, um caminho existencial próprio, diferente de todos os outros. A pessoa deve, por suas escolhas, alcançar o que parece possível para o florescimento da sua vocação singular, sem que essas buscas prejudiquem outras pessoas. Uma vida saudável é, portanto, uma vida que tem sentido próprio. Frankl dizia exatamente isso e esperava encontrar esse sentido numa (FRANKL, 2010, p. 75): “ação que realizamos, em uma obra que criamos; ou numa vivência, um encontro e um amor.”

O *Manual* conceitua o autodirecionamento como (DSM V, p. 762): “busca de objetivos de curto prazo e de vida coerente e significativa, utilização de padrões internos de comportamento construtivos e pró-sociais e capacidade de refletir produtivamente”. O conceito de Frankl é o mesmo (FRANKL, 2005, p. 36):

O fato antropológico primordial é que o ser humano deva sempre estar endereçado, deva sempre apontar para qualquer coisa ou

qualquer um diverso dele próprio, ou seja, para um sentido a realizar ou para outro ser humano a encontrar, para uma causa à qual consagrar-se ou para uma pessoa a quem amar.

Frankl trata essa autodireção como vontade de sentido, assunto que reestruturou a partir dos estudos de Charlotte Bühler e Abraham Maslow. Para a psicóloga a autodirecionalidade se mostrava nos objetivos de realização de uma intenção e para Maslow surge como (id., p. 53): “um compromisso para com uma tarefa de importância.” Uma síntese dessas formulações foi feita por outro psicólogo, o norte-americano Gordon Allport conhecido por estabelecer as bases da psicologia da personalidade. Segundo Allport, a autodirecionalidade se mostra na intenção da conduta com o que concorda Frankl, para quem (id., p. 55): “a mente humana está direcionada por alguma intenção.”

Autodirecionalidade traduz, então, na perspectiva psiquiátrica, aquela compreensão de vida autenticamente humana proposta pela filosofia da existência como capacidade de mudar o presente e dar direção ao futuro, o que significa que (GARAUDY, 1966, p. 53): “por nossos projetos o mundo adquire um sentido.” Dessa forma, autodirecionalidade não seria simplesmente a possibilidade de escolher de qualquer forma para onde ir, mas escolher intencionalmente e coerentemente, de modo a que a vida tenha um propósito vivido com responsabilidade diante dos outros. Frankl advertiu, expressamente, que (FRANKL, 2011, p. 66): “a liberdade pode corromper-se em mera arbitrariedade, a menos que seja vivida nos termos de uma responsabilidade.” A autodirecionalidade operacionaliza, portanto, uma direção existencial estável no sentido mencionado pelo DSM V. O psiquiatra explicou o que isso representa, o homem (id., p. 47): “é portador de intencionalidade, o que significa viver com propósitos. E seu propósito é dotar a vida de sentido.”

A vontade de sentido, ao lado da liberdade e do sentido, constitui a tríade central da concepção psicológica de Frankl reunida nas lições metaclínicas condensadas na obra *A vontade de sentido*. Nela o psiquiatra apresenta o conceito como (id., p. 50): “o esforço mais básico do homem na direção de encontrar e realizar sentidos e propósitos.” Esse empenho se caracteriza pela necessidade de encontrar um sentido para a vida e agir de forma responsável para seguir em frente. O sentido ajuda o enfrentamento daqueles aspectos da vida humana que não podemos alterar, nem evitar e foram assim resumidos, por outro psiquiatra, como o destino humano (JASPERS, 1987, p. 19): “tenho de morrer, tenho de sofrer, tenho que lutar, estou sujeito ao acaso e incorro inelutavelmente em culpa.” Frankl afirma, como Jaspers, a necessidade de encontrar sentido para essas situações extremas (FRANKL, 1990 b, p. 152): “a morte a que aludo é uma situação-limite, um aspecto daquela tríade trágica da existência – como gostaria de denomina-la – na qual se conjugam a morte, o sofrimento e a culpa”.

Entendendo que vida humana é a realização de uma autodireção, Frankl recusou a teoria da motivação psicanalítica para quem o homem age para obter

um equilíbrio íntimo (Freud) ou para obter poder (Adler), considerando mais importante a escolha de um sentido, que não é nem o prazer e nem o poder, como disseram aqueles psicanalistas, porque buscá-los diretamente não é possível ou não é propriamente um sentido. Por isso, tanto o princípio do prazer como a vontade de poder são derivados da vontade de sentido e são partes da autodireção.⁴

Frankl não deixou de observar que, na raiz dessas teorias psicológicas do sentido, entre as quais se inclui, encontra-se a fenomenologia de Franz Brentano e Edmund Husserl segundo a qual (id., p. 55): “cada fenômeno psíquico se caracteriza pela referência a um conteúdo, pela direcionalidade a um objeto.”

A autodireção, completa o psiquiatra, necessita de motivos espirituais e não virá sem eles. Remédios e drogas não substituem um sentido capaz de dar uma direção estável à existência, pois (id., p. 56): “se causas químicas substituíssem causas espirituais, os efeitos serão meros artefatos. O atalho acabará num beco sem saída.”

A descoberta de um sentido espiritual para viver, diz Frankl, não aparece nos primeiros anos de desenvolvimento da personalidade. O motivo é que no início da vida não se desenvolveu ainda a vontade de sentido. Porém, o sentido pode ser descoberto mais próximo do fim, a capacidade de se auto dirigir é próprio de um sujeito maduro porque (id., p. 57): “a vida é uma *zeitgestalt*, uma Gestalt de tempo, e que, como tal, ela tende a formar um todo inteligível, apenas quando o curso for completado.” Isso significa que a descoberta de sentido é um processo gradual do qual se tem indicadores ao longo da vida e que vai se consolidando no tempo.

Se a vontade de sentido não pode ser criada artificialmente, o sentido pode ser descoberto. E como na clínica se manifesta, na prática, essa ausência de sentido? Frankl diz que na queixa de tédio, resultante do que ele denominou vácuo existencial. A falta de sentido se mostra também na ausência de ideais e o psiquiatra menciona uma pesquisa onde mais 87% de uma amostra com meio milhão de jovens austríacos que (id., p. 64): “expressaram a convicção de que valeria a pena, de fato, manter ideais.”

A melhor confirmação de que o autodirecionamento é um excelente indicador do funcionamento da personalidade, avaliou Frankl, foi feita entre os prisioneiros de guerra no Japão, Coreia e nos campos de prisioneiros nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. Nos campos de concentração, como nos dois outros exemplos (id., p. 65): “uma orientação forte ao sentido constituiu um importante agente de promoção da saúde, de prolongamento e, por que não, de preservação da vida.” Sobre a atuação do psicólogo no campo de concentração,

⁴ A crítica de Frankl à teoria freudiana foi explicada no artigo *Viktor Frankl e o humanismo* (CARVALHO E SILVA, 2019, p. 79): “Frankl recusa as teorias baseadas no princípio da homeostase em que se baseavam, explicitamente a freudiana, isto é, teorias para as quais o homem vive *preocupado com o equilíbrio interno, o que explica a necessidade de redução das tensões.*”

afirmou o psiquiatra, que o que se podia fazer era oferecer uma psicoterapia como estratégia para o enfrentamento das dores da vida, como (FRANKL, 1990, p. 103): “apoio espiritual, de dar um conteúdo à vida. Lembrando as palavras de Nietzsche, que certa vez disse: quem tem um porquê viver, suporta quase tudo.”

É importante destacar que o autodirecionamento a ser descoberto expressa uma vida única, singular e precisa ser identificado nas situações concretas da vida pessoal. Isso significa que a autodeterminação é vivida de maneira singular pelos indivíduos (FRANKL, 2011, p. 72/3): “ninguém pode viver a vida de ninguém, em virtude da unicidade da existência humana.”

Frankl identificará um inconsciente espiritual, parte do grande sistema inconsciente estudado por Freud, essa foi sua descoberta. Esse aspecto do inconsciente não tem a determinação descrita por Freud. Encontra-se nele as bases do autodirecionamento a ser descoberto em meio à situação em que cada pessoa vive. Essa descoberta abre para o homem a dimensão da espiritualidade num outro patamar que o identificado pelos filósofos (FRANKL, 2014, p. 163):

O homem não deve sua existência a si mesmo. O homem é um presente da transcendência. É isto que ele é simplesmente, nem mais nem menos. Eu não escolhi meus pais, eu não determinei o momento de meu nascimento, eu não sei quando morrerei. Eu tenho que viver minha vida e chegar àquilo que este presente me deu. Chegar, eu não digo no futuro – porque a gente não leva toda a temporalidade para o túmulo, mas no momento nós estamos além do tempo, do passado, do futuro – em todo caso eu tenho de assumir e viver de forma que eu possa me apresentar diante dele sem mergulhar na vergonha.

Frankl pensa uma dimensão espiritual do inconsciente. Ele esclareceu que com ele trabalha melhor a noção de vontade, a partir de algo que se encontra enraizado no inconsciente espiritual. Os filósofos diziam que o autodirecionamento tinha elementos pré-intencionais, isto é, trazia elementos anteriores a formação da consciência intencional descrita pela fenomenologia. Frankl concordou com eles, mas explicou que era necessário ir mais longe que supor a pré-intencionalidade da consciência. Ele explicou que era necessário admitir um inconsciente espiritual onde o sentido ou autodirecionamento se vinculava à espiritualidade/religiosidade, embora o sentido fosse visualizado na clínica nos assuntos imediatos do dia a dia como: concluir um curso ou encontrar razões para uma dor qualquer. Observa-se, portanto, que a religiosidade inconsciente é parte do inconsciente espiritual e pressupõe a abertura da consciência para a transcendência. Por sua vez, para descobrir que caminho existencial seguir é preciso responder aos desafios da vida (ROECHE, 2005, p. 312): “Frankl entende que a pessoa não deveria perguntar pelo sentido, mas sim perceber-se questionado pela própria vida.”

Assim apresentada, a teoria do inconsciente de Frankl completa, com vantagem, as noções de pré-intencionalidade latente utilizada por Husserl e de

respeito a fidelidade íntima, sugerida por Ortega y Gasset, para dar conta da raiz e do funcionamento da personalidade. Ele parte daquela antropologia de Hartmann e Scheler segundo a qual a realidade tem várias dimensões superpostas: matéria, vida, consciência e espírito onde o estrato superior se encontra onde há o anterior, embora não seja determinado por ele. Em outras palavras, Frankl identificou naquele núcleo pessoal dos fenomenólogos representado pelo espírito, um inconsciente espiritual responsável pela identidade. Encontra-se, portanto, nesse inconsciente espiritual, os elementos do autodirecionamento responsável e identidade capaz de promover uma vida saudável.

A psicanálise ensinara que o Eu é uma espécie de proprietário que não manda quase nada na própria casa e assim essa vivência de si próprio tinha uma série de elementos inconscientes. Depois da psicanálise, já não falamos de uma subjetividade à moda cartesiana, mas de uma que tem parte desconhecida dela mesma, uma natureza insondável, que a comanda. Logo, pensar a identidade pessoal, depois da teoria psicanalítica, implica em reconhecer uma divisão da vida psíquica, como disse um estudioso de Freud (GARCIA-ROZA, 1996, p. 225): “Só há psicanálise, e, portanto, só há fato psicanalítico, a partir da clivagem da subjetividade em dois grandes sistemas, clivagem que foi produzida pelo próprio discurso psicanalítico.” A razão cartesiana foi dividida em dois sistemas com funcionamento diferente, cada um de um modo. Ambos os sistemas integram a identidade pessoal segundo a psicanalítica. O inconsciente espiritual é de outra natureza, ele divide o estrato espiritual, mas exige que o indivíduo faça escolhas e aceite o que descobre.

3 Identidade e Individualidade

Já iniciamos a apresentação da identidade, ela nasce da consciência que a pessoa tem de sua singularidade, como foi dito anteriormente. Essa variável foi usada pelo DSM V como outro indicador intrapessoal do bom funcionamento da personalidade. O *Manual* a define, como uma experiência singular que o sujeito faz de si mesmo. O conceito é apresentado como (DSM V, 2014, p. 762): “vivência de si como único, com fronteiras claras entre si mesmo e os outros com estabilidade da autoestima e precisão da autoavaliação; capacidade para, e habilidade de regular várias experiências emocionais.”

Essas noções encontram-se nas teorias de Frankl expresso nos conceitos individualidade e subjetividade. Identidade ou individualidade significa que o indivíduo se experimenta como único, o que o faz insubstituível. Cada indivíduo é limitado de algum modo e sua singularidade e boa autoestima contribui para o fortalecimento de toda a humanidade, que se torna forte na singularidade de cada um de seus membros. Um exemplo ajuda a entender o sentido da individualidade humana. Blocos de pedra cortados do mesmo modo para o calçamento de uma rua podem sair de um lugar e serem colocados em outro sem prejuízo para o calçamento. O valor de cada pedra depende de sua utilidade no pavimento. Com o homem não é assim. Cada sujeito é absolutamente único, tem

identidade e se percebe diferente de outros possuindo uma forma única de se avaliar e apreciar.

Identidade traduz a experiência da individualidade humana e está associada a responsabilidade, guardando contato com o autodirecionamento. Uma comunidade que não aceita ou permite que cada indivíduo seja ele mesmo termina por reduzir a sua responsabilidade perante ela própria. Por isso, também a individualidade é elemento do sentido e ratifica o valor das organizações democráticas contra todas as formas de totalitarismos. Se a individualidade é fundamental na construção do sentido, o sentido da vida social somente poderá ser auferido se considerarmos que a sociedade é constituída de partes que também são totalidades, ainda que parciais (FRANKL, 2016, p. 155): “sendo absorvido pela massa, perde o homem o que lhe é mais próprio e peculiar: a responsabilidade”.

A conexão entre identidade e responsabilidade decorre do fato de que a experiência da singularidade pessoal como indicativo do funcionamento sadio da personalidade não se desconecta do propósito de melhorar a vida pessoal com estabilidade emocional. Essa conexão é necessária para uma boa autoavaliação e para o crescimento psicofísico e moral da personalidade.

4 Empatia e Super Sentido

O conceito *empatia* ou *intropatia* é importante na Psicopatologia como tradução do conceito *Einführung*. Significa (PIERON, 1975, p. 238): “uma espécie de comunhão afetiva, pela qual dois seres se identificariam um com o outro”. No caso da clínica, o conceito representa a capacidade do psicoterapeuta compreender o outro e seu modo de reagir ao mundo, para, conhecendo a forma como ele funciona, ajudá-lo a mobilizar as forças de enfrentamento de suas dificuldades.

O *Manual de Psiquiatria da Associação Americana* considera a empatia um elemento para verificação do bom funcionamento da personalidade, reconhecendo-o como variável adequada para aferir a capacidade de estabelecer bom relacionamento intersubjetivo e definindo-o como habilidade geral de (DSM V, 2014, p. 762): “compreensão e apreciação das experiências e motivações das outras pessoas, tolerância em relação a perspectivas divergentes; entendimento dos efeitos do próprio comportamento sobre os outros.”

Frankl trata da empatia como capacidade do psicopatologista entender o mundo do outro, atitude valorizada nas psicologias fenomenológicas. O tema aparece associado à ideia de super sentido que, para Frankl, é Deus. Contudo, esse super sentido pode não se mostrar como religioso e para muitas pessoas isso ocorre mesmo num tempo que tirou a questão religiosa do horizonte imediato das pessoas. Ou, as vezes, a pessoa é religiosa, mas necessita de um sentido mais próximo. Para essas pessoas, o psicoterapeuta deve compreender a alma e apreciar a forma de viver para ajudá-la a descobrir um sentido. Isso é especialmente difícil quando se trata de encontrar um sentido para o sofrimento. Frankl dá como exemplo o episódio de uma enfermeira que, estando no final da

vida e estando com câncer, passou a duvidar do valor da própria vida e razão da proximidade do seu fim. Frankl estabeleceu o seguinte diálogo com ela (FRANKL, 2005, p. 112):

A senhora falou de algumas experiências maravilhosas, mas tudo isso está agora acabando, não é? Paciente: *sim, tudo acaba*. Bem, a senhora pensa que essas coisas maravilhosas de sua vida podem transformar-se em nada? Paciente: *(ainda pensativa) essas coisas maravilhosas?* Mas diga-me, a senhora acredita que alguém possa aniquilar a felicidade que a senhora sentiu? Pode alguém apagar isso? Paciente: *não doutor ninguém pode apagar isso*.

O diálogo se estende por um longo tempo até a paciente, sentindo-se compreendida, descobrir coisas que não havia percebido, reavaliar o significado de sua vida e concluir (*ibidem*): “o que senhor disse, professor Frankl, é um consolo. Isso me conforta. Realmente, nunca tive oportunidade de ouvir nada igual (calma e tranquila deixa o auditório).” Essa compreensão empática do outro é importante na clínica, especialmente nos momentos de sofrimento como no caso relatado, porque é (FRANKL, 2010, p. 76):

Quando somos confrontados como o destino inexorável (digamos, uma doença incurável...), mesmo então podemos descobrir um sentido na vida, à medida que atestamos a capacidade mais humana entre as capacidades humanas: a capacidade de transfigurar o sofrimento numa realização humana.

A presença reprimida da transcendência é a forma como Frankl trabalha, em sua teoria antropológica, a ideia da ausência de Deus na vida de muitas pessoas. Se o sentido da vida é observado nas escolhas concretas e pontuais da existência, essas escolhas apontam para algo além do que é imediatamente procurado, isto é, indicam uma direção que apenas se explicita, quando se admite a transcendência. É o que diz o psiquiatra (FRANKL, 1978, p. 259): “na medida em que não se cogita do Ser em geral, e sim do ser humano, ou do que chama existência, do modo de ser inerente ao homem, e só a ele, vê-se igualmente não ser possível prescindir da ideia de transcendência.”

O reconhecimento de que Deus ou sentido último, recolhe nas escolhas diárias um sentido identificado pelo eu e aponta para a transcendência, na forma como cada homem é capaz de compreendê-lo, corresponde ao que Martin Buber lhe ensinou (BUBER, 2007, p. 133): “a substância humana se funde pelo fogo do espírito que a invade, e então surge dela sua palavra, uma afirmação que tem forma e sentido humano, mas que dá testemunho daquele que a produziu”.

O psiquiatra admite ser singular o modo como se vive a transcendência. Ele apresenta elementos empíricos que o comprovam, identificando uma manifestação inconsciente espontânea da religião que abre o caminho para a

transcendência. Essa se baseia na experiência da liberdade que tem um *de que* e um *para que*. O *de que* se refere aos impulsos, como já reconheceu Immanuel Kant, e o *para que* aponta para a responsabilidade pelas escolhas feitas. Frankl concluiu, dessas lições do kantismo, que somos duplamente livres: para seguir nossos impulsos e para sermos responsáveis pelos caminhos escolhidos. É isso o que significa ser senhor da vontade, mas servo da consciência, pois é preciso agir conforme a lei moral. Deve-se, em outras palavras, obedecer à consciência que, de algum modo, submete o eu. Porém, a questão não para aí, pois a consciência tem algo a que ela se submete. É a isso que Frankl chamou de inconsciente espiritual, algo que está além do eu e que não se identifica com o superego de Freud.

Ele aprofundou esse assunto no livro *A presença ignorada de Deus* (FRANKL, 2017, p. 50): “para explicar a condição humana de ser livre é suficiente basear-nos na sua existencialidade, porém, para explicar a condição humana de ser responsável precisamos recorrer à transcendentalidade”.

Até aí o psiquiatra não fora além de Kant, mas ele vai ultrapassá-lo quando diz que a obediência tem por referência algo além da vontade. Ele acompanha fenomenólogos como Karl Jaspers que reconhecem a influência da transcendência na vida concreta e consciente (id., p. 51): “O fato psicológico da consciência é, portanto, apenas o aspecto imanente de um fenômeno transcendente, apenas aquela parte que penetra na imanência psicológica.” Porém, Frankl foi ainda mais longe que Jaspers, como homem de fé, quando põe nome na transcendência, isto é, quando sugere que a consciência tem Deus na borda, como lhe ensinou Martin Buber. Assim, ele foi além de Jaspers, ao nomear a transcendência como Deus e considerar o irreligioso como quem não reconhece essa transcendência (*ibidem*): “a consciência é a voz da transcendência. O ser humano irreligioso, portanto, é aquele que ignora essa transcendência da consciência.” Enquanto para Jaspers, Deus é um dos possíveis nomes do englobante, para Frankl, o englobante é, essencialmente, Deus.

Na medida em que o grande sentido pode surgir de muitas formas na vida da pessoa, cabe ao psicoterapeuta ajudar a descobrir esse sentido. Há um dificultador, o super sentido (FRANKL, 2015, p. 82): “é algo que se encontra além dos limites de toda temática psicoterapêutica legítima.” Frankl cita muitos casos em que precisava ajudar a pessoa a descobrir um sentido, o que somente é possível conhecendo o mundo dos pacientes. De uma mulher que tentou suicídio quando perdeu um filho de 11 anos e ficou apenas com um outro de vinte, mas com paralisia cerebral, Frankl conseguiu que ela descobrisse um significado para sua vida ao lado desse filho. Frankl fez isso fazendo-a sentir-se no lugar de uma outra mulher que tivera tudo na vida, riqueza, namorados, saúde, mas já velha não encontrava um motivo para o que viveu. Então quando a mãe do jovem doente colocou-se naquela situação hipotética e pensou como aquela outra mulher, lembrou-se do filho: “se não fosse eu, o que lhe teria acontecido ... É provável que tivesse sido levado a uma instituição para deficientes mentais, mas

era eu quem estava ali e pude ajudá-lo a fazer-se homem. Minha vida não foi um fracasso (...) Agora posso morrer em paz.” E então completou o psiquiatra (*ibidem*): “somente entre soluços ela conseguiu proferir essas palavras.” Ao perceber como a mulher pensava e como sentia a vida, Frankl a ajudou a compreender e apreciar seus próprios valores e propósitos.

5 Intimidade e amor

Como indicativo do bom nível funcionamento da personalidade o DSM V considera duas variáveis do relacionamento humano. Uma delas é a capacidade de estabelecer relações íntimas. Essas relações são as que apresentam (DSM V, 2014, p. 762): “profundidade e duração do vínculo com outras pessoas; desejo e capacidade de proximidade, respeito mútuo refletido no comportamento interpessoal.”

Sabemos que Frankl entendeu que estabelecer relações íntimas é uma forma de buscar o sentido, pois sair de si e ir até o outro é uma forma válida de autotranscendência e passo necessário para ter relações intersubjetivas de qualidade. Relações humanas profundas se realizam no âmbito do espírito, porque representa compromisso com alguém por quem, aquele que ama, se sente responsável.

Numa entrevista registrada no livro *Conquista da liberdade*, Frankl explicita seu entendimento de que o amor é uma forma de intimidade. Pode ser entre o homem e Deus, como Buber descreveu em *Eu e Tu*, pode ser uma relação humana qualquer. Ao falar do amor como relação íntima, Frankl espera superar a redução do relacionamento intersubjetivo a sexo, popularizada pela psicanálise de Freud, e elevar as relações humanas aos patamares descritos pela forma Eu – Tu, de Martin Buber. Ele comentou a respeito (FRANKL, 1996, p. 118): “nós, psiquiatras, observamos constantemente que a sexualidade termina miseravelmente, quando deixa de ser expressão de amor e se transforma em meio para prazer. (...) Eis porque a sexualidade sempre deve ser humanizada.”

Frankl apresenta uma descrição fenomenológica desse evento próprio do homem que ele assim resume (*id.*, p. 115): “o amor apresenta-se como fenômeno estranhamente humano. E ele, pois resulta como um dos dois aspectos daquilo que denominamos autotranscendência da existência humana”. Relações humanas profundas ou íntimas se mostram como sentido quando tiram o homem de si e o lançam para fora, ou melhor (*ibidem*): “na direção de alguma coisa que está além dele mesmo. Alguma coisa ou alguém: um significado a ser realizado ou uma pessoa a ser encontrada”.

Frankl avalia a maturidade das relações humanas a partir de um texto de Jo. 12, 24: “Em verdade, em verdade vos asseguro que se o grau de trigo não cair na terra e não morrer, permanecerá ele só; mas se morrer produzirá muito fruto.” As palavras que utiliza são (*ibidem*): “o ser humano é realmente isso somente quando se doa totalmente a uma coisa ou a uma pessoa. Torna-se integralmente ele mesmo só quando se supera e se esquece.” Por isso,

estabelecer relações íntimas duradouras são indicativos de uma personalidade saudável, como reconheceu o DSM V.

No caso da realização do sentido através de relações de intimidade com alguém, isso significa descobrir que esse outro é alguém único, não apenas enxergar nele um companheiro de destino, mas portador de humanidade, base comum de um amor universal. Frankl destacou a consciência do amor a alguém específico, a um Tu que é insubstituível (pai, mãe, irmãos, esposa, filhos, etc.) e para quem o amor vai além das coordenadas do tempo e espaço e toma esse outro na (id., p. 116): “sua unidade e singularidade, como pessoa original e inigualável.”

Dessa forma, o amado é alguém com quem as relações de intimidade não se resumem a sexo, mas ganha densidade em projetos e escolhas. No caso do amor conjugal, de um impulso sexual difuso vemos surgir uma orientação, a procura por uma pessoa específica, alguém a quem se quer de modo especial.

E quando alguém é capaz de olhar o outro de forma profunda, estabelecendo com ele relações de intimidade, ele descobre esse outro como valor único (*ibidem*): “a relação Eu - Tu precisamente no instante em que quem ama compreende o outro como ser único e singular.” E isso se refere a alguém que está ao lado de quem ama, e pode significar o legítimo interesse do psicoterapeuta.

Esse assunto mereceu o seguinte comentário de uma estudiosa de Frankl. Um psicoterapeuta deve estabelecer também relações de intimidade, respeito e solidariedade com seus pacientes (XAUSA, 2019, p. 76):

Esta relação tem a característica de ser, num plano mais profundo, uma participação primordial – uma comunicação Eu-Tu. Esta presença participante significa que o psicoterapeuta se afirma como ser consciente e responsável em sua solidariedade.

O vínculo identificado por Frankl entre relações humanas profundas e sentido o aproxima das teses de Abraham H. Maslow, fundador do que ficou conhecido, nos Estados Unidos, como Psicologia Humanista. Essa afinidade intelectual, foi reconhecida por Frankl, que avaliou que se deve a Maslow (FRANKL, 1996, p. 117): “considerar o desejo de significado a primeira motivação que se situa na base da conduta humana.”

Essa proximidade entre relacionamento íntimo e sentido da vida também foi tema de outro livro de Frankl intitulado *Homo patiens*. Nele a palavra amor amplia-se para além da relação conjugal e toca qualquer outro homem, notadamente o que sofre. Sobre o assunto assim resume uma estudiosa da obra de Frankl (RIOS VÁSQUES, 2014, p. 83): “o amor é a meta mais alta a que pode aspirar o homem. A salvação da pessoa está no amor e através do amor. O verdadeiro amor é o único sentido capaz de dar vida e vida em abundância.” Um amor que une os homens, mesmo no sofrimento. Foi o que percebeu outro comentador de Frankl (FIZZOTTI, 1996, p. 124): “o ser humano pode realizar

esses valores sobretudo no sofrimento”. Na prática médica compadecer-se de quem sofre é essencial e o psiquiatra defende mesmo o dever do médico consolar os que passam por difícil situação, quando nada melhor puder fazer. Desse modo, o dever de consolar tem raiz moral, deve ser praticado também por psicoterapeutas e médicos que trabalham diretamente com o sofrimento humano.

6 Considerações finais

Nesse artigo resumem-se elementos estruturais da psicologia e antropologia de Viktor Frankl. Ainda que, sem mencionar o autor, o DSM V adota como indicador do bom funcionamento da personalidade os quatro aspectos que Frankl considera fundamentais indicativos da saúde mental:

1. O mais importante aspecto utilizado pelo DSM V para verificar o bom funcionamento da personalidade é, para Frankl, o auto direcionamento entendido como busca por objetivos socialmente aceitos. Frankl fez da busca de sentido o aspecto central de uma vida saudável. Muitos problemas de nosso tempo (dicção, depressão, violência), ele constatou, estão associados à falta de sentido (FRANKL, 1990, p. 18): “quem não quiser tomar conhecimento disso, também se fecha à possibilidade de conhecer fenômenos sociais como a criminalidade juvenil, o alcoolismo, o vício em drogas, etc., quando estes assumem um caráter social”. O sentido é fundamental como motivação humana, contrariamente ao que pensaram os psicanalistas, e é importante para um ser que não se guia somente pelos instintos. Numa sociedade de massas, quando se perde a força da tradição cultural, o sentido torna-se ainda mais importante como referência.⁵ Frankl ensinou que ter um sentido protege a pessoa (id., p. 34): “não foi menos importante a lição que eu pude levar para casa de Auschwitz e Dachau: que os mais capazes, inclusive de sobreviver a tais situações-limite, eram os direcionados para o futuro.” E ainda o contrário, não ter um amplo propósito na vida é patogênico (id., p. 20): “a sensação de falta de sentido é, portanto, patogênica, isto é, leva a doenças, a neuroses específicas.” Portanto, o autodirecionamento é, para Frankl, fundamental para o bom funcionamento da personalidade.

2. A consciência da própria singularidade é outro aspecto fundamental do bom funcionamento da personalidade e está na base da condição humana. O homem é em si, o que ele é. Essa compreensão fenomenológica da unicidade da existência foi experimentada por Frankl no campo de concentração quando dele foi tirado quase tudo, restando-lhe apenas os óculos e o suspensório, como

⁵ Isso foi observado do seguinte modo (CARVALHO, GUIMARÃES E MORAES. 2019, p. 73): “A existência de um sentido na vida tornou-se tão essencial que deixou de ser apenas uma questão de fé, parece-lhe realidade palpável. Ele escreveu a respeito: o desejo de sentido não é apenas questão de fé, mas uma realidade.”

observou um comentarista, além da consciência de si mesmo (HERRERA, 2007, p. 137):

Aqui escutamos a voz do prisioneiro n. 119.104 que se vale de sua própria experiência: é único e toma consciência disso. Não há outro ser humano igual. Ele se assombra ante essa maravilha que pode descobrir, mais além da miséria, o despojo e a existência literalmente desnuda em que se encontra.

Essa compreensão foi resumida por ele como se segue (FRANKL, 2017, p. 23): “Sendo, porém, a pessoa aquela da qual se originam os atos espirituais, ela também constitui o centro espiritual em torno do qual se agrupa o psicofísico.”

3. A logoterapia está baseada na empatia, na necessária compreensão do mundo do outro para ajudá-lo a descobrir o sentido da sua vida e orientá-lo. Uma clínica humanista não perde de vista esse reconhecimento de que o outro ser humano tem um valor que precisa ser reconhecido na sua unicidade e responsabilidade. Esse reconhecimento do outro nasce num encontro do tipo Eu – Tu, que Frankl aprendeu com Buber e se tornou fundamental em sua antropologia. Trata-se de uma forma de relacionamento (FRANKL, 2005, p. 69): “que, por sua real natureza, pode ser estabelecido apenas a nível humano e pessoal.”

4. A intimidade é outro aspecto amplamente estudado por Frankl na clínica e encontra-se no centro da sua antropologia, o descobrir o outro e estabelecer com ele relações de profundidade e duração (FRANKL, 2015, p. 15):

Deparamo-nos aqui com um fenômeno humano que considero fundamental do ponto de vista antropológico: a autotranscendência da existência humana! O que pretendo descrever com isso é o fato de que o ser humano sempre aponta para algo além de si mesmo, (...), para algo ou para alguém: para um sentido que se deve cumprir, ou para um outro ser humano, a cujo encontro nos dirigimos com amor.

Dessa forma, pode-se dizer que os elementos fundamentais da teoria de Frankl são reconhecidos como bons indicadores do funcionamento da personalidade.

Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. (DSM V) 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. 948 p.

BUBER, Martin. **Eclipse de Deus**. Campinas: Verus, 2007. 153 p.

CARVALHO, José Mauricio de. **Viktor Frankl e a psiquiatria**. Porto Alegre: MKS, 2019. 338 p.

CARVALHO, José Mauricio de e SILVA, Ana Clara. Viktor Frankl e o humanismo. **Revista de Humanidades e Educação**. Imperatriz (MA), v. 1, n. 1, p. 74-87, jul./dez. 2019.

CARVALHO, J. M.; GUIMARÃES, S.K. e MORAES, A. C. S. Viktor Frankl e a educação: o significado pedagógico do sentido. p. 67-78, In: DAU, S. e SANTOS, S. R. **Educação e suas perspectivas na contemporaneidade**. U.S.A., Kindle, 2019.

FIZZOTTI, Eugênio. **Conquista da liberdade; proposta da logoterapia de Viktor Frankl**. São Paulo: Paulinas, 1996. 127 p.

FRANKL, Viktor. **Fundamentos antropológicos da psicoterapia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. 289 p.

FRANKL, Viktor. **A questão do sentido em psicoterapia**. Campinas: Papyrus, 1990. 157 p.

FRANKL, Viktor. **Psicoterapia para todos**. Petrópolis: Vozes, 1990 b.

FRANKL, Viktor. Entrevista. p. 113-120. In: FIZZOTTI, Eugênio. **Conquista da liberdade; proposta da logoterapia de Viktor Frankl**. São Paulo: Paulinas, 1996.

FRANKL, Viktor. **Um sentido para a vida**. Aparecida: Ideais e Letras, 2005. 169 p.

FRANKL, Viktor. **O que não está escrito nos meus livros**. São Paulo: É Realizações, 2010. 158 p.

FRANKL, Viktor. **A vontade de sentido**. São Paulo: Paulus, 2011. 222 p.

FRANKL, Viktor. **A busca de Deus e questionamentos sobre o sentido**. (Diálogo com Pinchas Lapide). 2. ed., Petrópolis: Vozes, 2014. 170 p.

FRANKL, Viktor. **O Sofrimento de uma vida sem sentido**. São Paulo: É Realizações, 2015. 125 p.

FRANKL, Viktor. **Psicoterapia e sentido da vida**. 6ª ed., São Paulo: Quadrante, 2016. 423 p.

FRANKL, Viktor. **A presença ignorada de Deus**. Petrópolis: Vozes, 2017. 131 p.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente**. 13. ed., Rio de Janeiro: Zahar, 1996. 236 p.

HERRERA, Luis Guillermo Pareja. **Viktor Frankl comunicación y resistencia**. 1ª ed. e 1ª reimpresión. Buenos Aires: San Pablo, 2007. 443 p.

HERTZ, Bela Rebeca. **A herança judaica na vida e obra de Viktor Emil Frankl**. Curitiba, Juruá, 2011, 82 p.

JASPERS, Karl. **Iniciação filosófica**. Lisboa: Guimarães, 1987. 159 p.

MOREIRA, J. O; ABREU, A.K.C. e OLIVEIRA, M. C. **Fundamentos antropológicos da psicologia de Viktor Frankl**. Curitiba: CRV, 2011. 102 p.

PACCIOLLA, Aureliano. **Psicologia contemporânea e Viktor Frankl**. São Paulo: Cidade Nova, 2015. 367 p.

PIÉRON, Henri. **Dicionário de Psicologia**. Porto Alegre: Globo, 1975. 533 p.

RIOS VÁSQUEZ, Teresa del Pilar. El verdadero amor como único sentido. p. 76-83. **Revista Científica de la UCSA**. Asunción: UCSA, v.1, n.1, diciembre de 2014.

ROECHE, Marcelo. Revendo ideias de Viktor Frankl no centenário de seu nascimento. p. 311-314, **Psico**. Universidade Regional Integrada em Frederico Westphalen. v. 36, n. 3, set./dez. 2005.